

DO MARAVILHOSO EM MEDICINA

13/20 EME

Para o dia 26 de julho de 1871, pe-
lio Smeio dia

Residente - O M^{mo} e C^{mo} L^{mo} Sr. José d'Andrade,
de Grammaço.

O M^{mo} e C^{mo} L^{mo} Sr.

quentes - { D. Antonio Ferreira de Almeida
D. José Fructuoso Gomes de Gu-
nha Horio
João Pereira Lima Lebre
D. Pedro Augusto Dias

N.º 20 N.º 312

DO MARAVILHOSO
EM MEDICINA

DISSERTAÇÃO INAUGURAL

PARA

ACTO GRANDE

SEGUIDA DE NOVE PROPOSIÇÕES

APRESENTADA

A

ESCOLA-MEDICO CIRURGICA DO PORTO

PARA SER DEFENDIDA

POR

Augusto Henrique d'Almeida Brandão

SOB A PRESIDENCIA

DO EX.^{mo} SNR.

DR. JOSÉ DE ANDRADE GRAMAXO

LENTE DA SETIMA CADEIRA

PORTO
TYPOGRAPHIA DA LIVRARIA NACIONAL
2, Rua do Laranjal, 22

1871

13/20 ENC

ESCOLA MEDICO-CIRURGICA DO PORTO

DIRECTOR

ILL.^o e EXM.^o SNR. CONSELHEIRO MANOEL MARIA DA COSTA LEITE

SECRETARIO

ILL.^o e EXM.^o SNR. ANTONIO DE OLIVEIRA MONTEIRO

CORPO CATHEDRATICO

LENTE PROPRIETARIOS

OS ILL.^{mos} E EXG.^{mos} SNRS.

1. ^a Cadeira — Anatomia decriptiva e geral	João Pereira Dias Lebre.
2. ^a Cadeira — Physiologia	Dr. José Carlos Lopes Junior.
3. ^a Cadeira — Historia natural dos medicamentos. Materia medica.	João Xavier d'Oliveira Barros.
4. ^a Cadeira — Pathologia externa e therapeuticamente externa.	Illidio Ayres Pereira do Valle.
5. ^a Cadeira — Medicina operatoria	Pedro Augusto Dias.
6. ^a Cadeira — Partos, molestias das mulheres de parto e dos recém-nascidos	Manuel Maria da Costa Leite.
7. ^a Cadeira — Pathologia interna. Therapeutica interna e historia medica	José de Andrade Gramaxo.
8. ^a Cadeira — Clinica medica	Antonio Ferreira de Macedo Pinto.
9. ^a Cadeira — Clinica cirurgica	Agostinho Antonio do Scuto.
10. ^a Cadeira — Anatomia pathologica	Dr. Miguel Augusto Cesar de Andrade.
11. ^a Cadeira — Medicina legal, hygiene privada e publica e toxicologia geral	Dr. José F. Ayres de Gouvêa Osorio.
Curso de pathologia geral	Antonio de Oliveira Monteiro.

LENTE JUBILADOS

Secção medica	{ Dr. José Pereira Reis.
	{ Dr. Francisco Velloso da Cruz.
Secção cirurgica	{ Antonio Bernardino d'Almeida.
	{ Luiz Pereira da Fonseca.

LENTE SUBSTITUTOS

Secção medica	{ Joaquim Guilherme Gomes Coelho.
	{ Antonio d'Oliveira Monteiro.
Secção cirurgica	Eduardo Pereira Pimenta.

LENTE DEMONSTRADORES

Secção medica	Vaga.
Secção cirurgica	Vaga.

A Escola não responde pelas doutrinas expendidas na dissertação e enuncia-
das nas proposições.

(Regulamento da Escola de 23 d'abril de 1840, art. 155.º)

A MEUS PAES

Rasgou-se enfim o véo dos vossos sonhos, outras tantas esperanças! Já vos luz a realidade da profissão, que me offertastes, e eu, obreiro d'essa realidade, offereço-vos quanto d'ella me cabe.

Do presente trabalho toque-vos por inteiro a pequenina gloria e que para mim fique apenas a tremenda responsabilidade d'elle!

Ainda uma vez vos chamarei — meus paes, e a dulcissima emoção, que por isso me vai n'alma, sei bem sentil-a, mas não dizel-a, porque só os Anjos poderiam definil-a, já que Deus só poudereal-a.

VOSSO FILHO

AUGUSTO.

A MEUS

IRMÃOS E IRMÃAS

....Qu'est-ce que le monde pour
notre cœur, sans l'amour frater-
nel ! Ce qu'est une lanterne ma-
gique sans lumière !

WERTHER.

AO SEU PRESIDENTE

O ILLM.^o E EXCM.^o SNR.

DR. JOSÉ D' ANDRADE GRAMAXO

LENTE DA 3.^a CADEIRA NA ESCOLA
MEDICO-CIRURGICA
DO PORTO

Bem semelhante á hera, que enleia o cedro, e sem lhe dar
forças ou valor nem ainda o desampara, quando o machado o der-
ruba, assim será e viverá sempre ligado á pessoa respeitosa de V.
Exc.^a

SEU HUMILDE DISCIPULO

A. H. A. BRANDÃO.

AO MAIS PREZADO DOS AMIGOS

BERNARDO AUGUSTO DE MADUREIRA
VASCONCELLOS

DOUTOR EM THEOLOGIA PELA UNIVERSIDADE DE COIMBRA E PROFESSOR
NO SEMINARIO PATRIARCHAL
DE SANTAREM

Se o talento, como diz Victor Hugo, tem um symbolo em toda a parte, a amizade e a gratidão devem tel-o tambem. Eis o triplice titulo porque te dedico este humilissimo trabalho, o primeiro e talvez o ultimo que deve escrever

O TEU AMIGO PELO C.

AUGUSTO.

A MESS

CONDISCIPULOS

AMIGOS

Commungamos a uma só meza o mesmo pão da Sciencia, e isto não pode esquecer-se! Todos quinhoamos dos prazeres do estudo e da amargura das difficuldades, dos encantos ephemeross da infancia e da triste realidade dos soffrimentos — e isto não pôde olvidar-se! D'ora ávante, já que mais não pôde ser, vivamos sempre unidos pelo affecto, e sob o ceo das mesmas aspirações! E que ao cahir sobre cada um de nós a tampa raza do sepulchro desfolhem os restantes uma corôa de perpetuas sobre o finado amigo, como symbolo d'uma saudade pura, e tributo a quem acordou para a immortalidade!

Se lerdos o pobre trabalho, que vos offereço, esquecei-vos do estudante para só vos lembrardes do vosso amigo

AUGUSTO.

A MEUS AMIGOS

INTRODUÇÃO

Comme toutes les faiblesses et les passions humaines, la passion du merveilleux devait engendrer grandes miseres et être exploitée par un certain nombre d'hommes, qui en firent un admirable instrument de fortune.

A. THEULIER

I

A fé no maravilhoso, como socia inseparavel da magia, foi por sem duvida coeva com o polytheismo pagão; deu-lhes origem o mesmo facto. Na consideração d'um *raio* de infortunio, dardado pela mão do Omnipotente, abala-se o coração do homem, desce-lhe a perturbação á alma, a intelligencia annuvia-se-lhe, e os membros pendem-lhe lassos para a terra.

N'um tal estado de perturbação geral do individuo, causado pelo receio excessivo da Divindade, poderia a crença no maravilhoso achar a sua explicação, se não deparassemos com fonte mais verosimil. A difficuldade, senão impossibilidade, de comprehender o vasto machinismo da natureza, e a ligação das causas physicas e seus effeitos, e de conceber outrosim que um só e unico espirito fosse

assaz poderoso para tudo mover perfeita e regulamentamente, e por um só acto de vontade, impelliu a gente dos tempos obscuros a povoar o mundo de genios, e a assignar-lhes missões particulares! Seria a consciencia da lei da divisão do trabalho a borbulhar lá do fundo do seio da humanidade, e a estrear-se por uma applicação erradissima? Talvez; mas, a despeito de tudo, foi uma causa da fé maravilhosa.

As paixões fazem a vida irregular da nossa alma, exaltam o espirito, que as abriga, alteram-lhe as idéas e sentimentos, e inspiram-lhe falsas noções da Divindade — o homem, que as acolhe, póde tornar-se mago, feiticeiro e imbuido de maravilhoso. O receio excessivo da Divindade, uma melancolia natural, e os remorsos de uma consciencia atribulada, como paixões benevolas e por vezes justissimas, podem dar, quando muito, n'um excesso de austeridades e penitencias; mas o interesse e a cubiça fez que o lavrador das eras pagãs inventasse quarenta divindades para presidirem aos trabalhos do campo, e vigiarem pelas loiras messes, e vinhedos. A ternura de uma mãe, e a vaidade de uma ama forjaram maior numero ainda para confiar-lhes o nascimento e a amamentação do infante; e a dulcissima paixão do amor, com o phrenesi que lhe é proprio, escogitou por seu turno os philtros e encantamentos para alliciar e mover um nume bemfazejo a tocar-lhe o coração da pessoa idolatrada. Dão-se as mãos paixões e polytheismo como fontes primarias do maravilhoso.

Os *charlatães* não crearam as tendencias humanas, acharam os animos dispostos, e não per-

deram o ensejo; e era natural;—quem corre pelos caminhos invios da mentira, e guiado apenas pelos lumes fatuos de imaginosos interesses, especula com todas as fraquezas humanas. O desejo innato de nos expurgarmos d'uma doença, de alcançarmos a posse d'um bem, e a lamentosa tendencia de nos consolarmos com o revez do inimigo, deram seiva e progredimento á magica e á feiticeria. A confiança nos sonhos e presagios, essa nasceu por certo do naturalissimo desejo de rasgar os véos do futuro, e devassar os abysmos do incognito — assim o demonstra o ritual do paganismo. Nunca os *charlatães* deixaram de explorar a credulidade e tendencias populares; os curandeiros de doenças correram sempre emparelhados com os investigadores do futuro; aquelles arrogavam-se o transtorno do curso da natureza, e contrariavam as leis da physica, estes segredavam com os espiritos, quanto á sorte da humanidade, e sujeitavam-nos ao seu imperio.

São muitas e variadas as especies do maravilhoso; a adivinhação, os encantamentos, a evocação, os maleficios e os philtros tiveram seu predominio na antiguidade; hoje, se os ha, logram vida obscura e sepulchral — ao calor do sol vivissimo da religião christã derreteram-se essas empedernidas superstições; pois que ao annuncio do dogma sublime da unidade de Deus tombou pela raiz a carcomida arvore do polytheismo, de que era consequencia a arte funesta da magia, como Brucker¹ e Bayle demonstraram.²

1 Brucher. *Hist. de philosoph.*, t. 1, l. 2.º, c. 2.º

2 Bayle. *Répr. aux quest. d'un pro.* 1.ª p., c. 36 e 37.

Os phenomenos mais ordinarios, como tempestades, esterilidade de campos, doenças e curativos eram attribuidos aos muitos espiritos, que animavam e presidiam ás diversas funcções do machinismo do mundo — os que prescrutavam as forças da natureza, e conheciam das suas virtudes medicamentosas, como que se punham em contacto com os genios motrizes, alcançavam o famoso nome de *magos*, e ainda hoje nos cantões da Suissa são assim chamados pelo povo os medicos empiricos, porque se lhes attribue segredos particulares de curar enfermidades. Os que se entregam á magia negra reputam-se malfazejos.

Da crença nos espiritos, dispensadores de bens e males, como acima dissemos, nasceu a idéa de acaricial-os por formulas e palavras — *per carmina* — attrahil-os por cantos, e harmonias, evocar os mortos pela nigromancia, devassar o futuro pelos augures, causar doenças pelos maleficios, ave-xar infantes pela fascinação, e inspirar paixões criminosas pelo poder dos philtros. O *charlatão* ou curandeiro addiccionava sempre aos seus medicamentos formulas barbaras e desconhecidas; especulava com a ignorancia.

O povo dava-lhe fé — que assim o exigia a sua crença no genio particular, que promovia aquella enfermidade. O doente tinha sempre que tomar o remedio com certas precauções e ceremonias de geito a dar-lhe um ar de maravilhoso e mais importancia á sua arte. Para que uma planta tivesse a virtude de curar, tornava-se preciso que fosse colhida em certo tempo, sob tal constellação, etc.; assim pois a medicina tornava-se um composto ma-

gico de botanica, astrologia, e superstição (Plinio 30, c. 30). E como nenhuma d'estas praticas podia influenciar rasoavelmente no curativo, era de força reputar o effeito como sobrenatural. Em resumo — para os grandes males da vida suppõe-se o remedio fóra do mundo; ha dôres que alanceiam mui profundamente o coração; a perda d'um amigo, os transportes d'um amor exaltado podem, sim, allucinar uma alma, e uma alma allucinada pela paixão póde tambem exclamar por seu turno — se nada alcanço do céu, farei mover até o proprio inferno! — *flextere si nequeo Superos, Acheronte movebo*.

II

A repressão de todos os desvários da grande pessoa moral, chamada humanidade, seria uma exigencia louca, senão funesta. Pensar e sentir d'um modo absolutamente perfeito não coube em sorte ao pedaço de barro, transformado em alma vivente pelo sopro de Deus; mas o pensamento falso, e o sentimento errado exigem um resfolgo, e, a despeito de tudo, logram manifestar-se. Cumpre ao homem da sciencia rebater o pensamento, e á auctoridade abafar a manifestação, se n'isso vai o interesse do similhante. No ponto, que nos occupa, pertence ao medico, como advogado da vida e da saude, desvanecer a fé e confiança, dada por boa parte dos homens ás funestissimas applicações dos curandeiros, e debellar qualquer elemento de magica impostura, que arrasta muitas cabeças tresloucadas a grandes desatinos e immoralidades;—

e tem-n'as havido,—das presentes Deus sabe o que ha, das passadas falla a historia tristemente.

Dentro da rainha das cidades pagãs, da culta. Roma, havia dous logares de recordações dolorosas: Velabro e Columna Lactaria, encrusilhadas soturnas, onde a deshumanidade impudica despejava os seus recém-nascidos. Estas victimas innocentes gemiam até soluçarem o ultimo alento de vida, ou serem apanhadas para destino por ventura mais cruel. Às horas mortas da noite transportavam-se a estes logares da miseria os magicos, e magicas principalmente. Era pungente este espectaculo de creanças assassinadas por bandos de mulheres, que por entre a cerração da noite saíam, quaes harpias, pés descalços, cabellos desgrenhados e vestidos pretos á colheita dos innocentes para satisfação dos seus intentos supersticiosos! Não era raro tambem o assassinato das creanças pela asphyxia sob os colchões e travesseiros, ou enterrando-lhes agulhas por detraz das orelhas, e alanceando-as; — e com que fim? Para beber-lhes o sangue, ou preparar unguentos e remedios—*pueros noctu injecta culcitra præfocant, vel acu post aurem infixæ necant, vel cunis rapiunt, et lancinant, aut in usum unguentorum vel in cibum sibi gratissimum (Festus Pompeius)*. Ovidio tambem pôde dizer: *carpere dicuntur lactentia corpora rostris, et plenum poto sanguine, guthur habent*.¹ Plinio emfim dá-nos conta de um remedio, composto da medulla dos ossos das pernas, e miolos de creanças. *Alli medullas crurum quacrunt, et cerebrum infantium*.²

1 Ovid. Herod. l. 6.

Assignaladas assim as consequências da fé no maravilhoso, e a sua influencia nefasta na vida e saúde da humanidade, afoitamo-nos a dar por bem cabido em nossas attribuições o assumpto do presente trabalho. Tocaremos de leve no maravilhoso antigo para fallarmos mais de espaço do moderno. O esboço que deixamos feito serve de sobejo para conhecer-se d'aquellas practicas repugnantissimas; depois ha n'ellas um predominio de superstição, que mal cabe á medicina debellar; a religião, que nos inspira a paciencia e sustenta a nossa coragem pela esperanza, é o unico remedio efficaz contra essa doença. Nos grandes factos do maravilhoso moderno ha falsissimas noções de physica a combater, phenomenos physiologicos a rectificar, e ha sobretudo a descabellar-se os erroneos principios de therapeuticas inadmissiveis.

São estes os pensamentos geraes do humilissimo trabalho, que vamos encetar; está pois conhecido o scôpo d'este exercicio — nós é que nem com somenos perfeição intentamos realisar-o — fôra mister para isso que de nós podessem dizer: « sabe bem o que diz, e diz bem o que sabe. » Por fim é um trabalho exigido pela lei, e d'esta não podemos nós eximir-nos — se duvidassemos da benevolencia dos nossos mestres, e da do publico, escudados com esta consideração, ficaríamos resolutos na fé d'uma desculpa.

DO MARAVILHOSO EM MEDICINA

DO MARAVILHOSO NA ANTIGUIDADE E ENTRE OS POVOS PRIMITIVOS

Quando a intelligencia humana jazia immersa no cerrado nevoeiro da superstição e do maravilhoso, e a humanidade vivia tremula e convulsiva na contemplação das leis geraes da creação, qualquer phenomeno inesperado era objecto de espanto, presagio de terriveis desgraças e signal da colera dos deuses. A appareição de um eclipse, de um cometa, de uma estrella candente, terrificava os espiritos mais afoitos. Os chinezes, ainda hoje, levantam grande ruido com trombetas e cymbalos, afim de afugentar o *dragão*, que devora a lua. Ricardo Lander, na sua viagem ás margens do Niger, refere a indizivel confusão causada pelo apparecimento de um eclipse da lua, por occasião de uma grande festa do paiz: « Os *sabios* d'aquellas paragens davam, por suas explicações, incremento ao panico de que se tinha possuido o povo. No seu

pensar, a lua, desgostosa da vereda que percorria no céu, vereda embaraçosa e eriçada de obstaculos, achou aquella occasião opportuna para abandonar o seu antigo caminho e entrar no do sol. Este, irritado por similhante usurpação, arremessa-se sobre o astro imprudente da noite, envolve-o de trevas e intima-o a seguir sua costumada trilha. Na historia antiga vemos os acontecimentos mais celebres annunciados por uma serie de presagios felizes ou funestos. As entranhas das victimas, o vôo das aves, o modo como os frangos sagrados comiam as sementes, os sonhos dos grandes personagens, segundo a interpretação dada pelos augures, precipitavam o povo em sombrio desespero ou embriagavam-n'o de uma confiança sem limites.

Os phenomenos pathologicos não deviam subtrahir-se á lei commum, e as doenças foram naturalmente consideradas como effeitos da colera celeste, dirigida sobre uma pessoa no caso de doença *esporadica*, sobre populações inteiras, no caso de *epidemia*. Assim, a primeira therapeutica empregada consistia em aplacar a colera Divina, recorrendo-se para isso aos depositarios terrestres do seu poder. E' assim que os primeiros medicos se envolvem nas ceremonias dos templos. Na profundidade dos bosques sagrados, em volta das fontes e arroyos beneficos, vinham os povos imprecar á divindade protectora do logar a cura ou allivio de seus males. Tentavam commovel-a por meio de supplicas, offerendas e sacrificios. Os reis immolavam hecatombes, os ricos sacrificavam cabeças de gado, os pobres e os escravos offerendavam favos e mel. Algumas vezes o deus do logar parecia com-

mover-se, e o doente, á custa de uma imaginação viva, reagindo sobre o seu organismo, colhia saúde e allivio, que por vezes conviria também reputar, como filho de uma coincidência caprichosa.

A estas devoções accrescentaram-se mais tarde praticas hygienicas e medicamentosas. Mas, ao lado do observador sabio e circumspecto, sinceramente dado ao allivio de seus semelhantes, topava-se grande numero de charlatães que, habilissimos sómente na arte de sequestrar a fortuna alheia, associavam áquellas praticas philtros e amulêtos, aos quaes cabia a melhor parte do effeito obtido.

Como quer que fosse, em grande conta tinha a medicina antiga os amulêtos, philtros e feitiços; e nós vemos Aetio, pratico da Alexandria no seculo v, misturar a crença no maravilhoso com meios therapeuticos applicados aos casos. Assim, aconselha, contra a picadura das abelhas, a applicação de um sigillo gravado de uma cruz. ¹ Referindo a composição de certo unguento, recommenda dizer em voz baixa, no momento do seu emprego: «O Deus de Isaac, de Abraham e de Jacob, conceda a este medicamento tal ou tal virtude!» ² Aconselha, para extrahir um osso da garganta, dizer: «Osso, sahe d'esta garganta, como Jonas sahiu do ventre da baleia!» ³

Meio seculo era já passado, sobre as ruinas da

1 Em as nossas aldeias ainda hoje ha este costume, sendo substituido o sigillo por uma moeda de cobre.

2 Chamando aqui esta recommendação de Aetio, intentamos apenas exemplificar o gosto pelo maravilhoso no seculo v; pois é certo que ao ente, invocado por Aetio, são devidas as boas cousas d'este mundo.

3 Bouchut, *H. da Med.*, p. 329.

decantada Troya, quando se levantou o primeiro templo consagrado a Esculapio; apoz este muitos se erigiram, tanto na Grecia como na Asia. Havia o costume, importado do Egypto, de suspender nas paredes d'estes templos *taboas votivas* com o nome do doente e da doença e o tractamento posto em uso. Acharam-se muitas d'estas taboas, e póde vêr-se pelo extracto seguinte, como se praticava a sciencia: «Juliano escoava a jorros sangue pela bocca e julgava-se de todo perdido. O oraculo mandou-lhe tomar de cima do altar pinhões e comel-os com milho durante tres dias. Fel-o e sarou.» ¹

Mas, fóra d'estes templos, onde se exercia oficialmente a medicina, celebravam-se, em todo o mundo pagão, numerosos e estranhos mysterios, cujas ceremonias extravagantes e cuidadosamente occultadas aos menos iniciados, eram de molde a ferir a imaginação dos que, mesmo sem as presenciar, tremiam de ouvir narral-as. O culto de Hecata, em particular, era uma verdadeira magia. A deusa tomava successivamente a fórma de uma mulher, de uma vacca e de uma cadella; suppunha-se ser ella quem mandava phantasmas de pôr medo, e fazer crear apprehensões no seio das trevas. Era só mediante formulas extravagantes e immundas, que esta deusa se mostrava a seus adoradores, satisfazia seus votos e guiava suas empresas. Eis uma conservada por Porphyro: «Fazei da raiz da aruda silvestre o corpo de uma estatua, ornai-o depois de pequenos lagartos domesticos; pisai myrrha, estoraque e incenso com os mesmos animaes,

1 Bouchut, loc. cit., p. 22.

e deixai a mistura ao ar durante o crescente da lua. Então levantai vossos votos nos termos seguintes (a formula não foi conservada). Tomai tantos lagartos, como de fórmulas eu tenho, e, depois de endereçardes fervorosas preces á imagem, vêr-me-heis durante vosso somno.»

Se por um momento attendermos agora ao neophyto, cuja imaginação já cheia de terror pela idéa do acontecimento que espera, só, em meio da noite, cercado de um apparatus horrivel, de geito a perturbar-lhe a alma, e já sobretudo enfraquecido pelo jejum prolongado, a que o sujeitou uma preparação abominavel, e cercado, enfim, de uma atmospherica balsamica, e, talvez, narcotica e estupefaciente, obra de misturas magicas, que ha de extraordinario se experimentar uma verdadeira allucinação e julgar assistir á appareição que tanto deseja?

Além d'isso os sacerdotes de Hecata, no meio das suas praticas maravilhosas, não deixavam de insinuar a charlataneria. Ahi vai a narração de um dos seus estratagemas, tirada, por M. Maury, do tractado intitulado *Philosophumena*, attribuido a Origenes. Tractava-se de fazer voejar Hecata sob a fórma de um fogo aereo: «O magico mandou alampardar n'um sitio determinado um seu confrade, e recommendou aos credulos estivessem bem attentos no momento da appareição da chamma, e logo, escondida a face, se prostrassem por terra, guardando esta postura até que fossem chamados: então o magico então no espesso das trevas a formula da encantação. Pronunciada que foi, volteja um fogo no ar. Tomados de espanto á vista de tamanho prodi-

gio, os credulos, de rosto occulto, cahem sem voz por terra. Todo o artificio se reduz a isto: O collega larga um milhano a que tinha atado uma estrega de estopa accessa. A ave espantada, cega com o fogo, vai bater de encontro a tudo, e os *papalvos* se salvam no cumulo do terror.» ¹

Nos livros da magia branca lêem-se mil processos similhantes.

Os encantos de Circeo e Medea tornaram-se celebres em toda a antiguidade, e a elles se attribuia o poder de transformar os homens em animaes. Ovidio legou-nos a narração da singular transfusão do sangue, praticada por Medea sobre seu sogro Eson: «Ella mergulha uma faca na garganta de uma ovelha negra, derramando seu sangue em dous fossos. Depois de ter por suas supplicas apasiguado os deuses, faz transportar para junto do altar o corpo de Eson, cahido por seus feitiços n'um somno lethargico. Ella purifica o velho tres vezes com fogo, tres vezes com agua e tres vezes com enxofre. As hervas magicas fermentam n'um vaso de bronze. Mistura as raizes, as flores e os succos acidos da hemonia; junta-lhe pedras trazidas do fundo do Oriente, plantas colhidas á luz da lua, as azas e a carne infame do stryge, a pelle escamosa de uma serpente de Cinyphus, o figado de um veado velho e a cabeça de uma gralha que tem nove seculos. Depois *estrangula* o ancião e substitue seu velho sangue pelo licor magico.» ²

E póde, talvez, dizer-se que estas crenças do passado se projectam certamente sobre os nossos

¹ M. Maury — *La magie et l'astrologie, le sommeil et les rêves*, pag. 58.

tempos; — quem não sabe que as *mesinheiras* dos nossos campos aconselham para debellar gravissimas doenças, envolver, nos intestinos de um carneiro negro, a cabeça do enfermo agonisante? Nas muitas hervinhas apanhadas pelo cordeiro, alguma irá de virtude extraordinariamente medicamentosa; a sua exalação em contacto com a cabeça do doente dará o phenomeno da cura: e mediante esta explicação da curandeira, não haverá certamente pessoa do povo que ponha em duvida a efficacia do remedio.

A cura da criança rendida não é menos curiosa.

Com a entrega reciproca pelas mãos dos padrinhos, atravez de um carvalho fendido, e acompanhado o acto das seguintes palavras:

Pega no teu afilhado,

Que vai rendido e quebrado — diz a madrinha;

Aqui tens teu afilhado,

Puro e são como foi nado — responde o padrinho, ao recambiar-lh'o — obtem-se optimo resultado.

> Á custa da magia d'estas rimas e das ceremonias do acto opera-se a cura, na medida que o carvalho, depois de cuidadosamente enleiado, vai cicatrizando; uma tona de trovisco, e algum barro nas partes internas da fenda, dão, no parecer da nossa gente, muita virtude ao curativo; — e por fim a sorte da criança segue o vigor ou estiolamento da planta.

Topam-se a cada passo factos d'esta ordem em nossas aldeias.

A crença na magia, nos feitiços, capazes de tornar os amantes fieis, de entorpecer as serpentes, etc., transmite-se da Grecia a Roma, como dão fé estes versos de Virgilio:

Effer aquam, et molli cinge haec altaria vitta;
 Verbenas que adole pingues et mascula thura;
 Conjugis ut magicis sanos avertere sacris.
 Experiar sensus. Nihil hic nisi carmina desunt.
 Carmina vel celo possunt deducere Lunam:
 Carminibus Circe socios mutavit Ullissei:
 Frigidus in pratis cantando rumpitur anguis.

VIRGILIO, ecloga VIII.

Mas foi sobretudo a magia astrologica dos chaldeus, que invadiu Roma depois da conquista da Asia, e que destronou as velhas crenças dos agoureiros e aruspices; e Juvenal nos ensina, n'uma das suas satyras, que as damas romanas consultavam, quando doentes, astrologos e chiromantes egypcios. O palacio da celebre Poppea, mulher de Nero, estava sempre repleto d'esta gente, e, no dizer de Suetonio, o proprio imperador Augusto tinha muita fé nos astrologos.

No entanto a sua sciencia estava longe de parecer infallivel a todo o mundo. Já n'outro tempo Aristhophanes tinha zombado sem piedade das trapças e fraudes passadas no templo de Esculapio; mas é ao sublime orador e elegante poeta Lucrecio, que cabe a honra de ser o primeiro a atacar, em nome da sciencia, as superstições de seu tempo.

Elle mostra os homens tremendo diante dos phenomenos da natureza e invocando as divindades que suppunham dirigil-os a seu talante:

Præterea, cui non animus formidine Divum
 Contrahitur? cui non conrepunt membra pavore,
 Fulminis horribili quum plaga torrida tellus
 Contremittit, et magnum percurrunt murmura cælum?
 Non populi gentesque tremunt? regesque superbi
 Corripiunt Divum perculsi membra timore.

Non Divum pacem votis adit, ac prece quæsit
 Ventorum pavidus paces animasque secundas?

LUCRECIO, DE NATURA RERUM, liv. V, p. 1220.

Muitos phenomenos, diz elle, podem alimentar
 nossas illusões e violar a fé devida aos sentidos.

Caetera de genere hoc mirando multa videmus,
 Quae violare fidem quasi sensibus omnia quaerunt:
 Nequis quam; quoniam pars horum maxima fallit
 Propter opinatus animi, quos addimus ipsi,
 Pro visis ut sint, quae non sunt sensibus visa.

IDEM, liv. IV.

Mais longe, dá tambem a razão dos sonhos que
 a credulidade reputa enviados pelos deuses para
 presagio do futuro.

Et, quo quisque fere studiis devinctus adhaeret,
 Aut quibus in rebus multum sumus ante morati,
 Atque in qua ratione fuit contenta magis meus;
 In somnis eadem plerumque videmur obire:
 Causidici causas agere et componere leges;
 Imperatores pugnare ac praelia obire;
 Nautae contractum cum ventis cernere bellum.

IDEM.

Emfim, no seu *Falso Propheta*, Luciano mofa
 dos charlatães, que vendem receitas para perder um
 inimigo, descobrir thesouros, etc.; e, se bem que
 rasgou o véo das astucias, não desabusou nem o
 povo nem os grandes. (Maury, loc. cit., p. 85.)

DO MARAVILHOSO ENTRE OS POVOS SELVAGENS

As crenças dos povos, assentados ainda á sombra da primitiva barbaria, revelam que seu espirito está possuido de noções tão ridiculas como grosseiras. Os objectos mais vulgares tornam-se apanagio do seu culto, da sua veneração e sobretudo do seu terror.

O povo Indo, escreve M. Joseph Robert, conserva crenças e tem pactos com tantos demonios, deuses e semi-deuses, que vive em perpetuo terror. De noite o medo redobra, e é então que entôa encantações, tange amulêtos e empunha tições, afim de arredar seus invisiveis inimigos.

Os negros da Africa central usam, como preservativos das doenças e das injurias dos maus espiritos, de talismans a que chamam *gris-gris*.

Tudo lhes tóa bem, desde um simples seixo até os mais preciosos objectos. Têm feiticeiros, que são a um tempo medicos, nigromantes e fabricantes de amulêtos. Denotam-se estes mesquinhos aventureiros por uma viseira perfidamente sinistra, de molde a infundir terror no animo dos seus, exaltando-lhes outrosim a imaginação. Essa expressão de extasis ou de santo delirio, é o effeito de uma supra-excitação facticia que esses impostores mantêm cuidadosamente por meio de diversos excitantes provocadores de allucinações, sonhos ou convulsões, que são para elles a viva imagem do enthusiasmo divino.

As mulheres entram com vantagem n'este sacerdocio magico, visto que a sua organização tão geitosamente as habilita para se possuirem de um

delirio fatidico, levado, não poucas vezes, até ao furor, que se nos afigura com assomos de inspiração.

Era assim que, em tempos que já vão longe, os oráculos transmittiam prophecias por intermedio das sybillas, entradas, por influencia do *deus*, n'um verdadeiro delirio hysterico. Virgilio legou-nos um exemplo d'isso na pintura da sybilla de Cumes:

..... Subito non vultus, non color unus,
Non comptæ mansere comæ, sed pectus anhelum,
Et rabie fera corda tument: majorque videri
Nec mortale sonans; afflata est numine quando
Tam proprio Dei
At Phœbi nondum patiens, immanis in antro
Bacchatur vates, magnum si pectore possit
Excussisse Deum; tanto magis ille fatigat
Os rabidum, fera corda domans, fingit que premendo.

VIRGILIO, ENEIDA.

Essas cambiantes côres das faces, esse peito arquejante, esses gritos que nada têm de humano, essa attitudo tão energicamente exprimida pela palavra *bacchatur*, esses exasperados esforços que desenvolve afim de se esbulhar do *deus* que a opprime, não serão effeitos de um ataque de hysteria bem caracterisada?

Aprendemos de Tacito, que os germanos tinham prophetisas semelhantes, muito veneradas do povo, e que ás mulheres-druidas adjudicavam os gaulezes nobres e divinas attribuições.

Os selvagens de algumas terras da America têm igualmente feiticeiros-medicos, que curam por meio de philtros, e cujas virtudes attribuem á influencia dos Manitós. Mas não se limitam a estas practicas caridosas; dão tambem a beber aos seus inimigos

amavíos envenenados, apontando-os em seguida como victimas da colera celeste.

Os indios dão aos sonhos uma importancia sublime. Previamente preparados por jejuns rigorosos, celebram festas especiaes, afim de obterem sonhos propheticos. A influencia dos narcoticos vem, por seu turno, augmentar o delirio, e assim julgam presentes as imagens de seus antepassados que lhes fallam do futuro.

Accrescentemos a isto a persistencia de uma musica discordante, limitada ás mais agudas notas, e a omnipotencia da imitação, e espantar-nos-hemos menos d'essas danças phreneticas em que se precipita uma população inteira, contorsendo-se de um modo grotesco, meneando carvões ardentes e retalhando o corpo de feridas, sem manifestar signal de dór!

Aquelle que revela maior exaltação e cujo systema nervoso acaba por contrahir uma alteração chronica, é proclamado feiticeiro, e uma vez supposto inspirado, jámais deixa de receber os favores do publico. A partir d'este dia, afim de inspirar mais arreigadas crenças e guindar mais alto sua influencia, vive separado do resto da tribu; e só, quando a onda da desventura se encapella e insurge de encontro á misera tribu e ameaça voraz submergil-a, apparece, ufano de si, como o genio altivo que domina os elementos, tendo no pensamento o poder de calar os bramidos da tempestade, e nas palavras o condão de suffocar suspiros, de anniquilar prantos e de espargir com effusão por de sobre a cabeça dos infelizes saude, gloria e venturas. Emfim, o seu prestigio é altamente extraordinario;

attribue-se-lhe o poder de ser invulneravel, de se transformar em animal, em nevoeiro, etc. (Maury, loc. cit.)

Seria fastidioso insistir mais. São sempre os mesmos artificios, os mesmos meios de supraexcitar fortemente o systema nervoso nos individuos já predispostos a admittir tudo sem joeirar nada.

O estado do maravilhoso no seio de uma civilização mais adiantada, vai apresentar-nos phenomenos indubitavelmente analogos no fundo, mas mais complexos nas suas manifestações e consequentemente de mais subido interesse.

O MARAVILHOSO NA EDADE MEDIA

A Alchimia

Por pouco que se reflecta nas idéas geraes que dominaram os espiritos nos primeiros seculos do Christianismo, e na interpretação, toda mystica, dada aos phenomenos do mundo visivel, phenomenos que se julgavam subordinados á acção directa do mundo invisivel ou sideral, comprehende-se, como tantos alchimistas passando a vida a lidar chimicamente com os corpos brutos e a modificar suas propriedades, os suppozeram capazes de tantas maravilhas; como sonharam transformar as pedras mais comuns em pedras preciosas, os metaes mais grosseiros em ouro e prata; e como, emfim, a sua imaginação lhes deixou entrever a possibilidade de crear chimicamente uma panacêa universal, destinada a curar todos os males e a prolongar extraordinariamente a vida humana.

Durante a idade media, o estudo das sciencias era apanagio de poucos, que, de proposito, assombravam todos os inventos e explorações d'um perfume de maravilhoso, e divulgavam seus descobrimentos sob uma linguagem, apenas perceptivel para poucos iniciados, como se a sciencia, na sua sublime simplicidade, não fosse digna de apaixonar os homens sem um apparatus phantastico e mysterioso.

Porém, na arte alchimica, tal como nol-a legaram os seus mais illustres adeptos, ha dous elementos que importa distinguir: «o elemento verdadeiramente chimico e o elemento mystico—o primeiro, logico, scientifico e admissivel, apesar de seus numerosos erros; o segundo, extravagante, saído de cerebros desvairados, e que, moldado sobre aspirações essencialmente extaticas, offerece, a quem compulsa os proprios livros dos philosophos hermeticos, um enredo inextrincavel de difficuldades, diante do qual succumbem a attenção mais firme, a paciencia mais sancta e a intelligencia mais robusta.» (Chereau, *Dict. Encycl. des sciences med.*, art. ALCHIMIE).

Quasi todos esses livros tinham titulos extravagantes, proprios a despertar o desejo da leitura e a espicaçar a imaginação do leitor. Assim — *Les Doutes Chefs de la philosophie, le Désir désiré, le Tombeau de Semiramis ouvert aux sages, l'Entrée ouverte au palais fermé de roi, Teinture du Soleil et de la Lune*, etc.

Ora, a idéa mãe dos alchimistas era transformar em ouro os mais grosseiros metaes, por meio d'um extractor particular que denominaram alter-

nativamente — a *grande obra*, o *magisterio*, o *pó da perfeição* e *pedra philosophal*.

Em continuas pesquisas gastavam, pois, tempo e fortuna, fazendo de passagem optimas descobertas, que não obstante desprezaram, por isso que só almejavam a realisação da sua idéa fixa e invariavel — a *descoberta da pedra philosophal* —; e embora os resultados não correspondessem aos seus intentos, o horisonte da sua esperança não se limitava, o facho do seu engenho não impallidecia, nem tão pouco trepidavam diante de difficuldades e obstaculos, antes trabalhavam sempre, sem se esquecerem de evocar em seu auxilio, além dos recursos da chimica pura, as praticas occultas da magia, as inspirações religiosas e diabolicas, baralhando e confundindo extravagantemente, n'um cahos sem exemplo, as tradições pagã, judaica, christã e arabe.

Sobre a natureza dos metaes e seu desenvolvimento no seio da terra, tinham os alchimistas idéas tão extravagantes, que os arrastavam a manipulações e praticas chemicas, ainda mais extraordinarias.

Persuadidos de que os astros tinham uma acção directa sobre os corpos terrestres, imaginaram que cada um d'esses globos celestes tinha sob sua protecção um dos metaes entranhados na terra, e, dilatando a sua theoria, buscaram uma substancia de influencia igual á do céu. É assim que a suppozeram existir no arsenico, mercurio e antimonio; no sangue dos animaes, saliva, esperma, lagrimas, etc. Van-Helmont descreve-a com o lustro e brilho do vidro e a côr do açafão; Perigarde Pise dá-

lhe a côr da papoula silvestre e o cheiro do sal commum. Um outro attribue-lhe cinco côres ao mesmo tempo, etc.

Mas no meio de todas estas aberrações, não esqueçamos que legaram á posteridade admiraveis monumentos, e que passavam a vida a trabalhar, victimas, não poucas vezes, de arriscadas experiencias, e não menos, da ignorancia e intolerancia de seus contemporaneos que os reputavam feiticeiros, magicos e enviados do demonio. Quantos não morriam de fome nas masmorras ou eram queimados vivos nos carcerees ?!

Aos alchimistas da idade media deve muito a chimica moderna. Foram elles que prepararam os elementos necessarios á sua creação, inaugurando a era das experiencias, fazendo assentar a interpretação dos phenomenos sobre o exame dos factos, e rompendo com as tradições puramente metaphysicas. E, para comprovar o que levamos dito, basta citar, no seculo viii, o nome glorioso de Geber, no seculo seguinte Rhazés, no seculo xiv Alberto o Grande, e no começo do seculo xvii o grande Van-Helmont.

Emfim, no meio da ignorancia e superstição geraes, esses homens estavam no espirito da sua epocha. Se alguns, imbuidos das idéas do tempo, affirmavam cousas monstruosas e insensatas, muitos, ao contrario, revelavam eximio discernimento, bom espirito de observação e penetrante sagacidade. Leiamos, para mais verdade, as seguintes linhas de Rhazés, onde desmascara os innumerables charlatães, que já no seu tempo deshonravam o exercicio da medicina: «Nada iguala seu inaudito des-

caro, sua desmedida audacia, ou antes, aquella criminosa certeza com que em sua mesma opinião atormentam a fraca humanidade, causando-lhe dores crueis nos ultimos momentos da vida, sem apparencia alguma de razão. Alguns ha que se gabam de curar a *epilepsia*, fazendo para isso uma abertura na parte posterior da cabeça; mostram depois alguma cousa que levavam occulta nas mangas do casaco, e, dizem, tel-a tirado da ferida. Outros extrahem rãs de debaixo da lingua, mediante processos mais ou menos astuciosos. A impostura, porém, das operações, nem sempre corria ao sabor dos charlatães, mórmente se ellas recabiam em pessoas de illústração. E por fim, chégado o exame mais detido das pretendidas operações, todo o ardid ficou descabellado.» (Bouchut, *Hist. de Med.*, p. 343).

Os chimicos de hoje, diz Figuiet, não devem assestar severos juizos sobre os philosophos hermeticos, antes devem curvar-se respeitosos perante os trabalhos que lhes legaram, pois que insensatos ou sublimes são seus verdadeiros avós. Se a alchimia não topou com o que pesquisava, achou o que não buscava; se não veio á luz o que rastejava, a descoberta da pedra philosophal, achou a chimica, e esta conquista é, por sem duvida, bem mais preciosa.

O alchimista da idade media, diz Chereau, foi o vivo emblema da perseverança levada aos seus ultimos limites. E quantas vezes os filhos continuavam as experiencias interrompidas pela morte do pai? Ouçamos agora um critico d'aquelles tempos, pintando a febre ardente que devorava esses infe-

lizes martyres da sciencia : « Les dommageables charbons, le soufre, la fiente, les poisons, les mines e tout dur travail leur sembla plus doux que le miel jusqu'à ce que, ayant consommé patrimoine, heritage, meubles que s'en allaient en cendre et fumée, ces malheureux se trouvaient chargés d'ans, vêtus de haillons, affamés toujours, sentant le soufre, teints et souillés de suie et, par le frequent maneiement du vif argent, devenus paralytiques. »

Das stygmatisações

O homem que sonha, pensa e exprime seus pensamentos por phrases que por vezes dirige a si proprio, sem saber que são suas. Entra em dialogo com a imaginação. O que se passa no sonho, dá-se tambem na hallucinação, posto que em gráo mais subido. Os sentidos e o espirito acham-se imbuidos por egual theor, e a imagem pãrtida do cerebro vem ferir o sentido externo, como se fóra um objecto realmente existente fóra d'elle. E d'est'arte, bem póde ser, fiquem explicados esses numerosos factos de visões extaticas, sobre os quaes tanto se tem discutido, affirmados apaixonadamente por uns, e negados, como grosseiras fraudes, por outros.

Da feitiçaria ou bruxaria

Quando o mundo pagão se converteu ao christianismo, muitas superstições populares continuaram a existir, mudando apenas de fórmula e estabe-

lecendo-se sobre novas crenças. É assim que a magia dos antigos thaumaturgos se tornou a magia do demonio e dos feiticeiros. Porphyrio, attribuindo á acção dos demonios, que elle crê espalhados no ar, gritos inarticulados, ais, soluços, difficuldade de respirar e pesos de estomago, aconselha o recurso ás purificações. Plotin, fallando dos Gnosticos, escreve: «Elles se vangloriam de afugentar as doenças, e a fazel-o por meio da temperança e de uma vida bem regrada, rasoavel seria a sua pretensão. Mas, ao contrario, affirmam que as doenças são demonios, expulsos pela virtude de suas palavras, e, d'isso se gabam, afim de captarem a veneração do povo.

Entretanto a tradição seria insufficiente para explicar a prodigiosa propagação das praticas da feitiçaria nos seculos 14.^o, 15.^o e 16.^o, se o terreno se não achasse preparado pela angustia e profundo desespero que fazia, para assim dizer, o estado moral e fixo das populações, gemendo d'ha muito sob o peso de inauditas calamidades. Esses infelizes, victimas da miseria, e perdidos sem recurso, acabavam por se entregarem ao demonio, em quem por erro e loucura pareciam depôr confiança.

Como quer que fosse, até ao seculo 18.^o, procederam os parlamentos contra os feiticeiros d'um modo cruel. Sem fallar da Hespanha, terra classica das fogueiras, muitos mil se queimavam em Trévés, Wartzbourg e outras cidades; e quem quizer saber as penas applicadas, em Portugal, nos seculos 15.^o e seguintes, e fazer idéa dos differentes processos de feitiçaria, leia o que transcrevo em

nota das Ordenação e Leis do reino de Portugal, re-copiladas por mandado de El-Rei D. Philippe I. ¹

Todo o mundo, porém, cria mais ou menos na feitiçaria. Sabios, sacerdotes, juizes, fanaticos ou indifferentes, victimas ou algozes, tinham suas crenças na arte dos feitiços. Jurisconsultos como Sprenger, Bodin, Pierre de Lancre e outros, escreviam grossos volumes sobre esses processos, e registavam como puras verdades as cousas, sobremodo ridiculas, confessadas pelas victimas do supplicio.

Depois da feitiçaria, vêm os envenenamentos e maleficios. Muitos exerciam em segredo a medi-

1 Estabelecemos, que toda a pessoa, de qualquer qualidade e condição que seja, que de Lugar Sagrado, ou não Sagrado tomar pedra de Ara ou Corporaes ou parte de cada uma d'estas cousas, ou qualquer outra cousa Sagrada, para fazer com ella alguma feitiçaria morra morte natural.

E isso mesmo, qualquer pessoa, que em circulo, ou fora d'elle, ou em encruzilhada invocar espiritos diabolicos, ou der a alguma pessoa a comer ou a beber qualquer cousa para querer bem, ou mal a outrem, ou outrem a elle, morra por isso morte natural. Porém em estes dous casos, primeiro que se faça execução, nol-o farão saber, para vermos a qualidade da pessoa, e modo, em que taes cousas praticaram, e sobre isso mandaremos o que se deve fazer.

Outrosim não seja alguma pessoa ousada que para adivinhar lance sorte, nem varas para achar thesouro, nem veja em agua, crystal, espelho, espada, ou em outra qualquer cousa luzente, nem em espada de carneiro, nem faça para adivinhar figuras, ou imagens algumas de metal, nem de qualquer outra cousa, nem trabalho de adivinhar em cabeça d'homem morto, ou de qualquer alimaria, nem traga consigo dente, nem barão de enforcado, nem membro d'homem morto, nem faça com cada uma das ditas cousas, nem com outra, especie alguma de feitiçaria, ou para adivinhar ou para fazer damno a alguma pessoa, ou fazenda, nem faça cousa, porque uma pessoa queira bem, ou mal a outra nem para ligar homem nem mulher nem para não poderem haver ajuntamento carnal. E qualquer que as ditas cousas, ou cada uma d'ellas fizer, seja publicamente acontado com barão e pregão pela villa ou lugar, onde tal crime acontecer, e mais seja degradado para sempre para o Brazil, e pagará 3,000 reis para quem o accusar.

E por quanto entre a gente rustica se usam muitas abusões,

nica, colhendo simples, compondo philtros, misturando magia e therapeutica, e assustando, por muitas vezes, os enfermos agonisantes. Bastantes plantas venenosas foram por largo tempo denominadas —*ervas dos feiticeiros*—; ninguem imaginava então que tomados em pequena dose, os venenos podiam ser remedios. M. Michelet mostra-nos a feiticeira, tremendo de ser vista, aventurando-se a ir colher uma das terriveis plantas. «Se vós a visseis, dizia um pegureiro, como eu vi, toda tremula, de olhar espantado, e a passos mal seguros por entre as ruinas d'um edificio! murmurar não sei que ...

assim como passarem doentes por silvão ou machieiro, ou lameira virgem, e assim usam benzer com espada, que matou homens ou que passe o Douro e Minho tres vezes, outros cortam solas em figueira baforeira, outros cortam cobro em lumiar de po ta, outros têm cabeças de saudadores encastoadas em ouro, ou em prata, ou em outras cousas, outros apregoam os demoninhados, outros levam as imagens de Santos junto d'agua, e alli fingem que os querem lançar n'ella, e tomam fiadores que se até certo tempo o dito Santo lhes não der agua, ou outra cousa, que pedem, lançarão a dita imagem na agua, outros revolvem penedos, e os lançam na agua para haver chuva, outros lançam joeira, outros dão a comer bolo para saberem parte de algum furto, outros têm mandragoras em suas casas com tenção que por ellas haverão graça com senhores, ou ganhem cousas, que tratarem, outros passam agua pela cabeça de cão, por conseguir algum proveito: E porque taes abusões não devam consentir, defendemos, que pessoa alguma não faça as ditas cousas nem cada uma d'ellas; e qualquer que a fizer, se fôr peão, seja publicamente acontado com barão e pregão pela Villa, e mais pague 2#000 reis para quem o accusar. E se fôr Escudeiro, e d'ahi para cima, seja degradado para a Africa por dous annos; e sendo mulher da mesma qualidade, seja degradada 3 annos para Castro-Marim, e mais pague 4#000 reis para quem os accusar.

Estas mesmas penas haverá qualquer pessoa, que disser alguma cousa do que está por vir, dando a entender, que lhe foi revelado por Deus, ou por algum Santo, ou em visão, ou em sonho ou por qualquer outra maneira. Porém isto não haverá logar nas pessoas, que por Astronomia, vendo primeiro as nascenças das pessoas, disserem alguma cousa segundo seu juizo e regra da dita sciencia.»



oh! que susto me metteu! se ella me vira, certo que perdido estava; podia transformar-me em lagarto, sapo ou morcego. A herva de que se approximou nunca a vi mais feia e ruim! era d'um amarello-pallido com traços vermelhos, como se diz, das chammas do inferno, tendo todo o caule coberto de negros e longos pellos. Arrancou-a rapida e rudemente, rósnou por entre dentes, e desapareceu com a rapidez do relampago.» (Michelet, *La Sorcière*, p. 116).

A esterilidade e impotencia, mortíferas epidemias, e muita geada sobre as loiras mễsses, cousas eram estas sobre que mais versavam os maleficios.

Recahia tambem e principalmente a accusação sobre as scenas impudicas dos congressos nocturnos do sabbado.

Que ha de verdade, porém, no fundo d'estas legendas? Seria difficil dizel-o com exactidão. Ninguém penetrou, com mais sagacidade que Michelet, n'essas profundezas tenebrosas, como o mostram as seguintes linhas:—« Pendant des siècles, le serf mena la vie du loup et du renard, fut un animal nocturne, je veux dire, agissant le jour le moins possible, ne vivant vraiment que la nuit... Dans les reunions nocturnes, aux danses durent se mêler des gaietés de vengeance, des farces satyriques, des moqueries et des caricatures du seigneur et du prêtre... La danse tournoyante, la fameuze ronde du Sabbat suffisait bien pour completer ce premier degré de l'ivresse. Personne peu à peu ne se connaissait bien, ni celle qu'il avait à coté. La vieille alors n'était plus vieille. Miracle de Satan; elle était femme encore et désirable, confusement aimée.»

Não obstante, porém, a penetrante sagacidade de M. Michelet, muitos pontos d'aquellas legendas não têm, nem virão a ter no futuro a explicação, que fôra para desejar — nos sabios do seculo 19.^o pouco luz a esperança de vel-as interpretadas com rigor.

Hoje, creados desde a infancia, nas idéas de tolerancia e humanidade, habituados a respeitar e a proteger a vida humana, custa-nos a comprehender o espantoso delirio a que chegou a humanidade inteira durante seculos, desde os infelizes que se julgavam em communicação com o demonio, até aos juizes que passavam a vida a condemnal-os. Pelo que me toca, não posso explicar a animosidade e incrivel encarniçamento que juizes, testemunhas e algozes ostentavam contra essas creaturas, pela maior parte inoffensivas, a não admittirmos que esses magistrados execrandos eram simples doentes obrando durante seu ministerio em virtude de concepções delirantes, que os abandonavam no resto dos actos da vida. Porque, enfim, esses homens apeados do tribunal cruento, deviam (alguns ao menos) ser na vida privada bons e pacificos, amaveis para com seus filhos, piedosos talvez para os infelizes, honestos, enfim, no sentido moderno da palavra. Tal é a influencia da educação e dos habitos. O sentido moral perverte-se e acaba por desaparecer inteiramente. Se Bodin e Sprenger não eram loucos, sobre sua memoria deveria cabir a maldição das gerações futuras.

O MARAVILHOSO MODERNO

O magnetismo animal, os somnambulos e o espiritismo

Esboçemos rapidamente a serie das diversas fórmulas que tem revestido o amor do maravilhoso na humanidade. As sciencias e o espirito philosophico lograram cortar muito fundo em todos esses erros. Hoje mui raro se crê em feiticeiros e adivinhos. Mas como a paixão do sobrenatural e do prodigioso é inherente ao espirito do homem, quando se estava em caminho de acabar com os desvarios da razão humana, apparece uma nova maravilha, que entreteve tantas illusões ruidosa e freneticamente.

O seculo 18.^o, o seculo de Montesquieu, de Voltaire e dos Encyclopedistas, que foi tambem o seculo do grande thaumaturgo de S. Medard e do incomparavel alchimista Lascaris, devia acabar por uma grande maravilha — o *magnetismo* — que, se não eclipsou todas as outras, promettia, ao menos, mais longa vida e mais prospera fortuna.

A historia dos pretendidos factos sobrenaturaes pelos magnetisadores, é nosso objecto agora.

Sabe-se, diz Calmeil, attendendo á diversidade de sua conformação, o systema nervoso, nas creanças, mulheres vaporosas, individuos fracos e valedudinarios, é capaz de modificações que não contrahem em pessoas adultas, sãs e isemptas do fortissimo impulso da imaginação, que a vista d'um objecto, que impressões sensoriaes sufficientes para pôr em convulsões um individuo pusillanime e ti-

mido, são apenas susceptíveis de excitar um individuo differentemente organizado.

É isso o que explica o facto de haver tantos individuos refractarios á influencia do magnetismo, sendo a primeira condição exigida pelos magnetisadores, o crêr-se previamente no seu poder. Esta credulidade em si implica certo gráo de fraqueza de espirito, que se allia ordinariamente a uma imaginação pusillanime e impressionavel, e por isso muito bem disposta a ser vivamente abalada por gestos extravagantes, olhar fixo e fulminante do magnetisador. Sobre taes individuos poder-se-hão produzir bem diversos phenomenos: anesthesia, somno provocado, convulsões, catalepsia, todo o apparatus, emfim, das desordens do systema nervoso.

Mas que ha ahi de sobrenatural? Ha factos interessantes a estudar, novos, talvez, e nada mais.

Um medico inglez, por nome J. Braid, n'um livro publicado em 1843, chamou a attenção dos homens da sciencia sobre factos desde muito observados sem duvida, mas pouco ou nada conhecidos, de cuja agglomeração constituiu um corpo de doutrina, a que juntando suas proprias observações, deu o nome de *hypnotismo*.

Se, defronte dos olhos e a pouca distancia da face d'um individuo de temperamento nervoso e constituição debil, collocarmos um objecto brilhante ou luminoso, sobre o qual tenha a vista fixa por certo tempo, esse individuo cahirá n'um estado cataleptico analogo ao que produz a inalação dos anestesicos. Seus membros tornam-se d'uma certa rigidez, ou cahem n'um relaxamento mais ou menos completo; a sensibilidade é embotada ou abo-

lida, mas alguns sentidos, como o tacto e sobretudo o ouvido, adquirem uma vivacidade prodigiosa. São apreciados os menores sons, as mais leves impressões reflectidas, e apparecem hallucinações, como em certos accessos de catalepsia.

Que diversos phenomenos nervosos se produzem por este meio, mostram-no as experiencias feitas recentemente em França pelo Dr. Azam — a anesthesia, o somno, a catalepsia, a hypersthesia do gosto, do cheiro, do ouvido, da sensibilidade para o frio, e sobretudo do sentido muscular.

O professor M. Vermuil fez sobre si uma experiencia analoga. Fixando um objecto situado acima de sua cabeça e um pouco para a parte posterior, estendeu horisontalmente os braços, e pôde conservar esta attitude durante 12 a 15 minutos quasi sem fadiga, o que o athleta mais robusto não pôde fazer.

Em Portugal, como se pôde vêr na *Pharmacologia Geral* do Dr. Bernardino Antonio Gomes, tem-se hypnotisado com bom exito algumas pessoas.

M. Piorry cita o exemplo d'uma rapariga que se tornou epileptica por ter olhado fixamente o sol. Na antiguidade, Apuleia tinha já notado a vertigem provocada muitas vezes por a vista da roda do oleiro, e as convulsões que a acompanhavam.

E por phenomenos analogos que deve explicar-se a adivinhação por meio d'espelhos magicos, tal como se praticava na antiguidade e na idade media; e como mais proprias para experimentar taes illusões, escolhiam-se de preferencia as creanças. Faziam-nas contemplar uma superficie polida

e brilhante, e no fim de certo tempo afigurava-se-lhes a imagem da divindade evocada ou da pessoa que se tractava de descobrir. Em muitos oráculos da Grecia, suspendia-se acima da superficie da agua um espelho sostido por um cordel; recitava-se em seguida uma supplica, queimava-se incenso, e via-se então apparecer sobre o espelho a imagem da pessoa doente, e d'ahi se induzia a morte ou a vida (Maury, loc. cit., p. 437). Adiante veremos Cagliostro produzir os mesmos effectos.

Em toda a idade media, recorriam os feiticeiros ás fumigações para obter visões, durante as quaes imaginavam ir ao congresso nocturno.

Crêmos que estes phenomenos d'illusão se devem a uma forte congestão do cerebro, analogá á que se produz no fim d'um somno muito prolongado, e que é acompanhado de sonhos numerosos e variados. Sabe-se além d'isto que o uso do *haschich* produz extraordinarias hallucinações.

De todos os magnetisadores presentes e passados, o mais illustre certamente foi Mesmer. Além do seu espirito e elegancia exercerem uma irresistivel seducção, sobretudo nas mulheres, Mesmer apresentava-se como um homem que tinha na mão um agente até então desconhecido e modificador poderoso da machina humana. Se bem que Mesmer fosse um medico astucioso, observador sagaz e mesmo bom physico no seu tempo, tinha começado por encobrir seus processos com certa sombra de mysticismo.

Da capital da Austria, primeiro theatro das

proezas d'este thaumaturgo, foi Mesmer afugentado e havido por fraudulento. Resolveu então deixar Vienna, escolhendo para novo theatro a cidade de Paris, onde o novo propheta era esperado com a maior impaciencia. Mesmer chegou emfim. Era no começo de fevereiro de 1778, no mesmo anno e mez e quasi no mesmo dia, em que o patriarcha da philosophia sceptica entrava as portas de Paris, depois de vinte annos de exilio. Que coincidencia! Paris, theatro dos maiores contrastes em tudo, e das mais espantosas vicissitudes, do gosto da moda e das idéas, e aonde a crença nos milagres tinha sobrepujado a influencia da Encyclopedia, A. Mesmer e Voltaire entravam ao mesmo tempo, Mesmer para ahi reinar, Voltaire para ahi morrer!

Se bem que foi modesta a entrada do novo soberano, não tardou por isso a encher-se de clientes o seu hotel, e a fama das suas curas milagrosas espalhou-se brevemente em toda a cidade.

Eis como elle procedia. Punha-se em relação com a pessoa que o consultava, fazendo-a sentar defronte de si, com o dorso ao norte, pé contra pé, joelho contra joelho. Collocava depois docemente os dous dedos pollegares sobre os plexos nervosos que se reúnem na cavadura do estomago, descrevendo com os restantes sobre os hypochondrios curtas parabolás, sem deslocar os pollegares. Eram os movimentos (*passes*) preliminares. Curava de augmentar a efficacia d'este processo, por meio de um olhar penetrante, e harmonia de uma musica suave. Feito isto, não tardavam a manifestar-se os primeiros effeitos; uns sentem frio ou calor, outros queixam-se de dores. Se a doença era geral, os

movimentos deviam percorrer todo o corpo, até que o doente ficasse completamente saturado de fluido.

Não podendo, porém, Mesmer magnetisar em pouco tempo cada pessoa em particular, combinou grupos de dez a quinze pessoas, ás quaes administrava collectivamente o seu fluido. Servia-se de uma tina meio-cheia de agua, tendo no fundo vidro moido, limalha de ferro e um leito de garrafas cheias de agua, de gargalos convergentes; o todo era coberto por uma taboa cheia de buracos por onde sahiam varetas de ferro, que cada doente devia applicar á séde do mal. Logo depois eram os pobres doentes accommettidos de tristeza, mau estar, calafrios, suores, crises de riso e perda de entendimento. Mesmer presidia a tudo, ajudando com seu olhar e gestos, e tocando cada um com sua *baguette* ou com seus dedos.

Quando apparecia uma crise convulsiva, tomava Mesmer o doente nos braços e transportava-o á sala das crises, cuidadosamente estofada. Desapertava-o, e deixava-o debater-se no sanctuario onde ninguém entrava senão Mesmer. A fraude, porém, descobriu-se e o fim de Mesmer chegou. Em Paris sustentou com bastante firmeza, nos primeiros annos da sua estada, os duellos propostos pelos filhos das academias parisienses, sendo proclamado vencedor pelos seus adeptos. Vencedor a principio acabou nos ultimos annos por ser vencido, e teve de abandonar a França vilipendiado pela plebe, e calumniado pelos adversarios da sua doutrina.

Depois de Mesmer vem Cagliostro, tambem joven, bom e generoso. Cagliostro cura os doentes

por meio de um agente sobre cuja natureza guarda silencio, não dando assim que discutir nem aos sábios nem ás academias. Este sublime charlatão fascinava tanto os espiritos, que Luiz XVI, que mofava de Mesmer, declarou culpado de lesa-magestade a quem injuriasse Cagliostro.

Não se contentando porém com curar os doentes, lia tambem no futuro por meio das suas *pombas*. Eram tenras e elegantes crianças que collocava diante d'uma garrafa cheia d'agua. Fixados os olhos sobre a superficie brilhante, tinham logo visões, e Cagliostro encarregava-se de as transformar em oráculos.

Algumas vezes os factos realisavam-se; bastantes falhavam, e esperava-se então que as pombas fossem mais lucidas.

Mais forte que todos, o marquez de Puysegur chegou a magnetisar as arvores, e sessenta e dous doentes se curaram em dous mezes, por meio do fluido, subtrahido a uma arvore da praça de Bysancy (Bouchut, loc. cit., p. 34).

Mesmer só magnetisava doentes a fim de lhes curar os males pela omnipotencia do seu fluido. Depois d'elle magnetisaram-se pessoas de perfeita saude, e obtiveram-se os differentes effeitos nervosos de que já fallamos.

Mas as cousas não ficaram ahi; descobriram-se certos individuos, denominados *lucidos*, que possuiram successivamente as faculdades mais variadas e mais proprias a espicaçar a curiosidade publica. Esses seres excepçionaes, dotados certamente d'um fluido mais subtil que o commum dos homens, chegaram a lèr no pensamento não só dos

que os magnetisavam, mas das pessoas presentes, e mesmo ausente e distantes 100 leguas ! Deram a descripção exacta de logares, onde nunca tinham ido, leram livros fechados, etc.

Emfim, para se fazer uma idéa exacta da potencia illimitada do magnetismo, basta lêr o seguinte trecho, do tractado theorico e pratico do magnetismo animal, por M. Ricard :

M. Ricard distribue a seu grado a saude, a doença e o somno. Um dia, certo incredulo chamou-lhe charlatão ; Ricard irrita-se e lança sobre elle seu olhar de marmore (*sic*), e n'esse instante o infeliz caíu com um espasmo geral epileptiforme. Um outro rebelde foi acommettido de tetano. Seu corpo arqueou para traz e caíu sem movimento ; um medico presente, não lhe sentindo pulso nem respiração, deu-o por morto. Mas M. Ricard não se assusta com tão pouco, e quasi sem esforços o fez levantar. Magnetisava outrosim barras de ferro sobre o epigastrio dos somnambulos. Seu poder medico zomba do tempo como do espaço. Curou um paralytico em meia hora, e individuos acommettidos de febres a 10 legoas de distancia ! Não é ainda tudo. As arvores estioladas reverdecem sob a influencia de seus movimentos beneficos, e reciprocamente, a mais bella e viçosa planta se define e morre. Emfim, deleitava-se algumas vezes, M. Ricard, em dissipar nuvens, fazer cessar a chuva, etc. » (Prisse, *Medecine et medecins*, p. 11). Extravagancias taes não são perigosas.

Houve infelizmente outros desvarios alimentados por verdadeiros talentos, e é para lamentar que um grande e profundo espirito como Balzac, escre-

vesse volumes inteiros para defender a *dupla vista e a intuição magnetica*.

Passarei quasi por alto as numerosas charlatanerias a que se entregaram e entregam ainda os impostores, que exploram essa mina fecunda e nova da extravagancia humana.

A unica maneira de estudar esses factos é procurar descobrir o processo empregado para enganar o publico. E o que afoitamente se pôde aventar, é que todas as vezes que os phenomenos da dupla vista, do somno lucido, etc., se reproduzem sempre identicos, e á vontade do operador, ha quasi certeza que vai n'isso fraudulencia.

Os phenomenos physiologicos do corpo humano é que não obedecem tão facilmente ás ordens da vontade. Poder-se-ha ter presumpções, mas nunca annuncial-os com certeza.

Quando em 1846 se apresentou á Academia das Sciencias de Paris, Angelica Cottin, chamada a *menina electrica*, por isso que repellia violentamente para longe todos os objectos encontrados no raio da sua influencia magnetica, os unicos phenomenos produzidos reduziram-se á propulsão d'objectos tão proximos que ella podia tocar. A propulsão d'objectos a distancia, que seria convincente, não se verificou.

M. Burdin, em 1837, querendo vêr acabada uma questão tão debatida, prometteu de seu proprio bolso 3:000 fr. para a somnambula que lêsse n'um livro mettido n'uma caixa. Nunca tal somma foi ganha. Entre outras concorrentes, appareceu mademoiselle Pigeaire, de 12 annos de idade, que lia, havia muito, com os olhos cobertos d'uma es-

pêssa venda de velludo preto. Observada, porém, a venda, em nada impedia a visão. No mesmo caso estava a venda de mademoiselle Prudence, composta de camadas sobrepostas de estôfo e terra argilosa. Todos liam tão bem como mademoiselle Prudence.

Deixemos porém a fraude para voltar aos factos.

O que parece fóra de duvida, no meio das exa-gerações dos magnetisadores, é que o magnetismo, como o hypnotismo, a que é, por assim dizer, identico, póde produzir diversos estados nervosos: o somno com visão, ou sem ella, e mesmo levado até a lethargia, a anesthesia ou, ao contrário, a hypers-thesia dos sentidos.

A anesthesia magnetica foi observada por M. Cloquet, que extirpou uma mama, sem que a operada dêsse o menor signal de dôr. O mesmo succedeu com outra pessoa, a quem M. Oudet arran- cou um dente, depois de tel-a antes adormecido magneticamente.

Achamos porém tão racional fazer intervir na explicação o magnetismo, como invocar uma cora- gem sobrehumana, desenvolvida pelos operados, dando em resultado o paralysar qualquer commo- ção, e conservar tranquillidade na physionomia e nos movimentos do coração. E a este respeito di- remos, o que observamos em 1869, na Clinica Ci- rurgica d'homens. Tratava-se de extrahir um kysto do pé direito d'um homem, dado aos misteres da marinhagem. A operação foi feita pelo exm.^o snr. Dr. Souto, sem que o paciente quizesse ser chloro- formisado. Duraria 10 a 15 minutos, e durante este tempo, não manifestou o operado o menor si- gnal de dôr. Apenas já no fim do curativo apro-

priado empallideceu e queixou-se de fortes dôres, o que parece provar que a sensibilidade foi recuperada.

Um caso analogo presencemos este anno na extirpação d'um epythelioma labial.

Estariam por ventura estes individuos anestesiados magneticamente?

Os factos de catalepsia são communs no estado hypnotico. E póde collocar-se os hypnotisados nas mais extravagantes posições, sem que experimentem fadiga por espaço de 15 ou 20 minutos. É isto o que MM. Verneuil e Dr. Azam differentes vezes têm observado.

E' contemplando obstinadamente seu umbigo, que os *fakirs* (monges mahometanos) da India chegam a essa immobibilidade, que conservam dias e mezes inteiros. Pouco a pouco os musculos se inteiriçam, perdem a flexibilidade e mesmo a possibilidade dos movimentos. Weber, bispo de Calcuttá, encontrou um d'estes individuos que apenas podia andar sobre um pé, tendo perdido a faculdade de abaixar os braços (Maury, loc. cit., p. 388).

A hypersthesia sensorial foi igualmente observada pelo Dr. Azam. Uma das suas mulheres hypnotisadas queixava-se do soffrimento que lhe causava o ruido das carruagens da rua. Uma outra sentia-se vivamente incommodada pelo cheiro do tabaco, que um individuo presente tinha no bolso. Uma terceira enfiava agulhas com os olhos fechados. É a esta causa que devemos attribuir as pretendidas perversões da vista, observadas em certos somnambulos que tinham, dizem, a faculdade de vêr por o epigastrio ou pela fronte. Tal-

vez haja ali tambem uma hallucinação, que lhe faz referir a certa parte do corpo a impressão sensorial realmente percebida pela retina. Como os nyctalopes, o somnambulo vê na quasi obscuridade com as palpebras quasi de todo fechadas.

Accrescentemos, para terminar, que se tem observado em certos somnambulos uma admiravel exageração da memoria, que tem sido tomada por presciencia e intuição; por ex.: uma rapariga que durante o somno fallava latim, sem nunca ter aprendido tal lingua. Estudando-se porém o facto, reconheceu-se que as phrases pertenciam á liturgia, e que muitos annos antes, sendo ainda creança, tinha estado ao serviço do seu parcho (Aram). Não é raro embotar-se a memoria e deixar de ser fiel aos factos recentes, e conservar todavia com admiravel precisão certas impressões da infancia.

Restar-nos-hia fallar d'essas novas maravilhas, que a Europa importou da America, conhecidas pelos nomes de — *mezas girantes e espiritos frappeurs*.

Mas, como judiciosamente diz M. Maury, para se tomar conta do que parece inexplicavel n'esses factos, deve considerar-se o meio em que elles se produzem. Quando espiritos preoccupados ou illuminados se reúnem para se entregar a seus exercicios mysticos, as hallucinações multiplicam-se, complicam-se, e a assemblêa em breve se acha n'um estado particular que não só a torna incapaz de observações criticas e judiciosas, como tambem a põe n'uma especie de sonho, em que tudo se torna phantasmagoria, sem que possa extremar o que haja de real ou chimerico nos phenomenos.

Em summa, a realidade, parece-nos sêcca e monotona, o sobrenatural encanta e seduz, porque nos faz esquecer as tristes realidades da vida. A necessidade da illusão e da chimera ainda por largo tempo ha de reter-nos captivos! O homem não se eleva realmente acima da sua condição, não entra de facto na esphera do sobrenatural, senão quando, desprendido das illusões que tem atravessado, a sua intelligencia póde pairar sobre a natureza, admirar sua magnifica harmonia, e comprehender sua perfeita coordenação. Grande milagre e grande prodigio é para nós o espectáculo das leis geraes da creação no espaço! Afóra as aparições, de que nos fallam as inspiradas Escripturas, bem nos clama a magnificencia do Universo que ha um Deus, que produz, entretem e resume todas as cousas: — *cæli enarrant gloriam Dei, et opera manum ejus annuntiat firmamentum.*

A HOMŒOPATHIA

Optima medicina interdum est
medicinam non facere.

HYPOCRAT.

La doctrine homœopathique servira á la démontrer la force medicatrice de la nature.

HUFFELAAND.

Este trabalho ficaria muito incompleto, se não fallassemos d'essa nova doutrina que o presente seculo tem visto levantar-se em face da nossa medicina, com a vaidosa pretensão de derribar o gran-

dioso monumento erigido por Hypocrates, e installar-se triumphante sobre suas ruinas.

A sua historia, que entra de pleno direito na do maravilhoso, seria uma longa e fastidiosa enumeração como a de muitos remedios extravagantes e supersticiosos que em todo tempo tem disputado a confiança publica. Já indigitamos alguns de passagem, e não voltaremos aos feitiços, amuletos, e outros que taes: cada paiz tem os seus, e todos fazem prodigios.

Quem não sabe que os reis de França curavam os escrofulosos pelo simples toque das feridas? O rei Jacques 2.º, exilado d'Inglaterra, importou consigo esse dom precioso, e os habitantes de Saint-Germain-en-Laye, colheram, mediante este tratamento, prodigiosos beneficios e salutaes effeitos. Mas não ficava aqui sua therapeutica. Fazia andar os paralyticos, endireitava os tortos, fazia fallar os mudos, vêr os cegos, etc.

Aprendemos de Tacito que os pés do rei Pyrho fruiram na antiguidade dos mesmos privilegios, e, em Cachemira, existem trez cabellos da barba de Mahomet, que operam, segundo dizem, curas surprehendentes (*Bouchut*, loc. cit., p. 76).

Pelo que pertence á *Materia Medica*, propriamente dita, pôde dizer-se, que tudo se tem empregado, desde os mais inertes pós até aos mais violentos venenos.

As substancias repellentes e immundas, os restos de animaes impuros, a gordura e miolos humanos, o excremento de certos animaes, entram na composição de receitas infalliveis e soberanas.

Eis alguns exemplos: para dôres de cabeça,

applica-se sobre a nuca o orgevão; para a epilepsia, um raminho de sabugueiro suspenso ao pescoço; para a hypochondria, um saquinho d'acafrão sobre o coração; para fazer estancar os escarros de sangue, applica-se sobre o estomago um sapo morto durante que o sol está no signo de Leão, etc.

Encontramos em Margagni o seguinte tratamento da epilepsia, recommendado por Albertini: 1.º uma bebida com algumas gotas de espirito de sangue humano. Depois, uma fricção com a palma da mão, untada de oleo de amendoas em que se tem cosido vermes da terra. Emfim, pastilhas assim preparadas: toma-se um craneo humano ainda fresco e raspa-se; pisa-se a raspadura n'um almofariz, e junta-se-lhe agua de cerejas pretas; da massa resultante fazem-se as pastilhas.

Nada direi dos collares de rolhas que as mulheres paridas punham em volta dos seios para lhes fazer cessar o leite, nem das castanhas da India trazidas n'um sacco por alguns gottosos. Mas deploro altamente a immensa quantidade de remedios contra a hydrophobia, cuidadosamente conservados em quasi todos os paizes, e que impedem os infelizes de adoptarem o unico recurso, que deixa ainda alguma esperanza, qual é — a cauterisação prompta e energica.

Basta de relatar futilissimas applicações. Terminamos por dizer que, ajudando a fé e a imaginação, tudo póde curar. Passaremos agora á Homœopathia.

Homœopathia (doença similhante), assim se denomina um systema therapeutico em que se propõe

curar as doenças por meio de agentes dotados da propriedade de produzir no homem, são symptomas semelhantes aos que se pretende combater.

Este systema, obra d'um homem de genio, surgiu em 1790 do seio d'Allemanha, quando Hahnemann, por occasião de ensaios tentados em si com a quina, julgou reconhecer n'ella o poder de produzir uma febre intermittente. Formulou então, envolta na mais tenebrosa theoria, a sua famosa doutrina — *Similia similibus curantur*. — «Foram estes ensaios, diz elle, que fizeram apparecer a meus olhos a aurora d'uma therapeutica racional, ensinando-me que as unicas doenças curaveis pelos medicamentos, são aquellas cuja collecção de symptomas tem a maior semelhança possivel com a totalidade dos accidentes, que as substancias medicamentosas podem provocar.» (*Organon.*, p. 392).

Partindo d'este principio, Hahnemann posterga o todo da doença, e considera apenas os symptomas, apresentados pelos doentes. E só tracta de buscar medicamentos que produzam symptomas analogos aos manifestados pelas doenças que pretende debellar.

Não nos occupamos aqui da discussão d'esta doutrina; o que pertence essencialmente ao nosso assumpto, é a therapeutica que a acompanha, porque nada ha mais maravilhoso.

Com effeito, a acção da substancia empregada está na razão inversa da sua quantidade, e reside completamente na maneira de a preparar. «Chaque dilution se compose d'une heure partagée en six fois six minutes de braiement et six fois quatre minutes de frottement.» (*Organon.*, p. 441).

O ponto de partida é um grão n'uma quantidade centupla de assucar de leite, de modo que cada grão de pó contém um centesimo de grão. É a primeira attenuação ou diluição. A segunda será d'uma decima-millesima de grão, e Hahnmann chegou assim até á trigesima, isto é, uma fracção tendo por numerador a unidade e por denominador 1 seguido de 60 zeros.

Assim preparados os medicamentos adquirem propriedades tão variadas como surprehendentes. Exemplos: o acetato de manganez, produz uma sensação de feridas na tibia direita; o carvão vegetal, um tumor vermelho na fronte, doloroso ao simples toque; a arnica, um mau estar no periosteo de todos os ossos, sonhos lascivos, facilidade em sentir e prodigalisar a injuria. A platina é mais extraordinaria ainda. No primeiro dia, o doente está tristonho; no segundo, alegre e prazenteiro. Acha os outros muito baixos, imaginando-se de elevada estatura; está incommodado pela estreiteza n'uma grande sala, etc.

Se agora pedirmos aos homœopathas algumas provas em apoio das suas singulares asserções, formulam apenas uma resposta invariavel — nós curamos nossos doentes. — Mas os amulêtos e feitiços curam igualmente; um cosimento de cenouras cura a ictericia, etc. Tudo isso é incontestavel. Tracta-se apenas de provar que, nenhuma das vossas attenuações, tem a menor acção sobre o homem são ou doente. Um homem são engole 1 gramma de sublimado ou d'acido arsenioso; fica envenenado, eis um resultado palpavel. Se, em lugar de 1 gramma, tomar 1 milligramma, elle não morre; os

orgãos, porém, são modificados, a economia perturbada de certo modo, que se traduz para elle e para nós por alguns symptomas apreciaveis. Dêmos-lhe agora a trigesima attenuação. Nada experimenta, absolutamente nada, e todos podem facilmente fazer a experiencia, é ella innocente e sem perigo. Nem vale o responder-nos, que a acção é dinamica e não material, e que, o que é sem effeito no homem são, se torna soberano contra a doença; porque então perguntaremos nós, onde se passa essa acção? É no estomago, no sangue? Pois que, emfim, são ou doente, o homem é sempre composto dos mesmos elementos muscular, nervoso, sanguineo, etc. A doença póde augmentar ou diminuir a fibrina do sangue, sua albumina ou seus globulos; mas não muda a estrutura intima da nossa machina, e se a attenuação homœopathica não modifica os orgãos do homem são, tambem os não poderá modificar pelo simples facto do homem ter uma pneumonite ou uma erysipela; a menos que não admittamos que a doença é uma especie de demonio malfazejo alojado no organismo, e sobre que o medicamento obraria, por assim dizer, magneticamente e sem actuar sobre os orgãos. Mas então para que administral-o ao doente? Basta deixal-o n'uma garrafa, obrará d'ahi mesmo o seu effeito, e será mais extraordinario ainda.

Sem embargo do que deixamos dito, muitos homœopathas, no tocante a doenças chronicas, têm a impudencia de dizer: — *Sem nossos especificos, tal cura jámais se obteria.* — A isto respondemos com este aphorismo de Hulleland: — «Habitue toi á la patience, dans les maladies chroniques sur-

tout, et sache compter sur la puissance du temps. Ces maladies sont curables à une époque et ne le sont pas à une autre, où tous les moyens qu'on pourrait employer contre elles n'aboutirarent à rien, ne feraient même souvent que unire. La nature, livrée à elle-même, agit d'une manière insensible, et dans le silence amende, quérît ou amène une crise, une métastase, dont le médecin peut profiter pour procurer la guérison.» E as curas, de que se applaudem, com relação ás doenças agudas, serão ellas obtidas por medicamentos dados em doses homœopathicas? N'este ponto dêmos a palavra ao celebre chimico Orfila, que sobre este assumpto discursou na Academia de Medicina de Paris. — Diz elle: «Je sais aussi et j'affirme sur l'honneur que, peu confiants dans un système que ne peut amener aucun resultat heureux dans une foule d'affections aiguës, plusieurs homœopathes administrent des médicaments à doses allopathiques, de sorte que la médecine de Hahnemann est exploitée par deux sortes d'individus; les uns, doués d'une foi illimitée, adoptent sans restriction toutes les extravagances du système et abandonnent les malades à eux-mêmes, sans s'inquieter de l'innocuité souvent meurtrière des médications qu'ils prescrivent: ce sont les homœopathes purs et fanatiques; les autres, moins dangereux quand il s'agit du traitement des maladies aiguës, peuvent être qualifiés d'homœopathes habiles, car ils agissent sur l'imagination des malades par l'administration de quelques globules d'une dilution extrême, et par conséquent insignifiants, en même temps qu'ils ont recours à des moyens allopathiques que la raison

avoue, et dout les bons effets ne tardent pas á se faire sentir.»

Em despeito, porém, de taes extravagancias ou talvez, por causa d'ellas, a homœopathia tem prosperado e prospera ainda. Parece mesmo presidir á sua propagação um genio infernal, mas a seu lado vêla o genio do bem, que ficará victorioso entre nós como na Allemanha, berço e tumulto da doutrina de Hahnemann.

Os homœopathas queixam-se de ser a sua doutrina postergada e reprimida sem discussão; ao contrario, porém, o melhor meio de a combater seria descabellar o nada das suas theorias. Se ellas fossem minuciosamente conhecidas, vêr-se-iam menos homens illustrados preconisar e defender com furor essa doutrina que conhecem imperfeitamente, e que só póde ser sustentada pelo lado da hygiene e como methodo de expectação: «como sciencia therapeuthica, diz Jolly, a homœopathia é a expectação, a doutrina dos átomos ou dos nadas.»

Emfim, as experiencias tentadas publicamente por MM. Andral e Bailly, com medicamentos preparados n'uma officina d'Allemanha, onde Hahnemann tinha feito confeccionar os seus, deram resultados negativos. As experiencias feitas, ha annos, no Hospital de Coimbra, levaram á conclusão: *que os globulos de Hahnemann eram puras nullidades.*

Por ultimo, Hahnemann valia bem mais que a sua doutrina, façamos-lhe todos essa justiça. Inaugurou-a em meio d'applausos, mas perseguido na Allemanha, teve que refugiar-se brevemente em França. Essas perseguições, porém, serviram a

propagar, o que pretendiam suspender. E se então eram muitos os proselytos, não conta hoje menos sequazes a sua doutrina. Não faltavam, finalmente, a Hahnemann os merecimentos de bom medico e escriptor; cortou fundo nos abusos da polypharmacia antiga, e isso lhe bastaria, quando mais não fosse, a grangear direito ao nosso reconhecimento.

PROPOSIÇÕES

1.^a **Anatomia** — A anatomia normal deve a sua importancia practica á anatomia pathologica.

2.^a **Physiologia** — No somno ha anemia cerebral.

3.^a **Materia medica** — A anesthesia pelo hypnotismo tem uma explicação scientifica.

4.^a **Pathologia geral** — É falso o systema homeopathico.

5.^a **Medicina operatoria** — Quando seja possivel a anesthesia pelo hypnotismo, deve preferir-se em operações pouco profundas.

6.^a **Pathologia interna** — No tractamento da pneumonite rejeitamos o uso da sangria.

7.^a **Anatomia pathologica** — Na hypergenese, hyperplasia ou hypertrophia muscular numerica, seguimos a theoria de Virchow.

8.^a **Partos** — Temos a acção do utero por causa bastante na expulsão do fêto.

9.^a **Medicina legal** — O facto da prenhez deve dar a irresponsabilidade de muitos actos.

Approvada.

J. A. GRAMACHO.

Póde imprimir-se.

O Conselheiro Director,
COSTA LEITE,